

Efeitos duradouros da pandemia da Covid-19 na vida de famílias vulneráveis no Brasil: apontamentos para pensar desigualdades, políticas públicas e cotidiano

Auxílio à Pesquisa Projeto Inicial

Proponente: Taniele Rui
tanieler@unicamp.br
tanielerui@gmail.com

Resumo: A pesquisa proposta tem como objetivo compreender os efeitos duradouros da pandemia de covid-19 na vida de famílias urbanas vulneráveis que vivem em cinco cidades brasileiras, em quatro estados da federação: Campinas(SP), São Paulo(SP), Rio de Janeiro (RJ), Altamira (PA), Belém (PA) e Ariquemes (RO). O projeto retomará e ampliará a pesquisa "Implementation of COVID-19 related policies for household inequalities across five countries", coordenado pelas Profs. Dras. Clara Han e Veena Das, ambas do Departamento de Antropologia da Universidade Johns Hopkins (EUA). A pesquisa que dá base às proposições aqui apresentadas foi iniciada em agosto de 2020 e documentou o cotidiano das famílias em situação de vulnerabilidade até fevereiro de 2022 – especialmente em relação à condição socioeconômica, à saúde, moradia e acesso a serviços públicos. A presente investigação utilizará a mesma metodologia de pesquisa e manterá a mesma equipe acompanhando as mesmas unidades domésticas, com a expectativa de ampliar o número investigado e os debates teóricos abordados. Estamos propondo retomar esse acompanhamento com o intuito de ampliar temporalmente o escopo da investigação, buscando compreender as **dimensões duráveis** da pandemia na vida de famílias vulneráveis, especialmente em termos dos seus efeitos no cotidiano. O intuito é produzir análises sobre os problemas surgidos durante a pandemia de COVID-19 que se estenderão à situação pós-pandêmica e como as populações de baixa renda vem lidando com esses problemas. Portanto, pretende-se compreender, de um ponto de vista etnográfico e processual, de mais longa duração, como as novas políticas e arranjos legais, bem como as novas dinâmicas sociais impostas pela pandemia - e possivelmente também pela pós-pandemia, afetaram e afetarão a vida de famílias em situação de pobreza, que lidam dia-a-dia com precárias alocações no mercado de trabalho, poucas redes de infraestrutura (água, eletricidade, saneamento básico), com quadros de adoecimento e deficiência agravados pela pobreza e, ainda, com diversas situações de violência, de atores do estado e do crime. Buscamos compreender como essas transformações, ao interagirem com as desigualdades sociais já existentes, modulam a vida cotidiana de famílias pobres no Brasil. Tal enfoque permitirá adensar e qualificar temas relativos à recuperação e resiliência no contexto da pós-pandemia e analisar sua capilaridade nas vidas concretas.

Março de 2022

UNIVERSITY OF CAMPINAS
INSTITUTE OF PHILOSOPHY AND HUMAN SCIENCE
DEPARTMENT OF ANTHROPOLOGY

Long-standing effects of the Covid-19 pandemic on the lives of vulnerable families in Brazil: reflexions about inequalities, public policies and everyday

PI

Taniele Rui

tanieler@unicamp.br

tanielerui@gmail.com

Abstract: This research project aims to understand the long-term effects of Covid-19 pandemic on the lives of vulnerable families in Brazil and the ways in which those families respond to such effects. The research dialogues with the project “Implementation of COVID-19 related policies for household inequalities across five countries”, coordinated by Clara Han and Veena Das (Johns Hopkins University-USA). The present proposal draws on a previous investigation that has been conducted since the outbreak of the pandemic in 16 households in the cities of Rio de Janeiro (RJ), Campinas (SP), São Paulo (SP), Altamira (PA), Belém (PA) and Ariquemes (RO). We intend to keep the same research team accompanying the same families and possibly new ones, working with the same methodology. But here our goal is to provide a long-term study on the impacts of the pandemic and pos-pandemic worlds over vulnerable populations, particularly the effects on their daily lives. Drawing on an ethnographic approach carefully designed to map how new economic and legal regulations and rearrangements in public policies unfolded in the lives of families that even before the pandemic had to cope with precarious job positions, scarce urban infrastructure (water, electricity, basic sanitation), illnesses and disabilities aggravated by poverty, and different situations of violence, perpetrated both by state agents and crime actors. We aim to describe how the pandemic opened a specific time span unequally experienced in different social contexts. We hope that this research contributes to qualify the notions of recover and resilience in a pos-pandemic world and analyses what persist.

Março de 2022

INTRODUÇÃO

Este projeto de pesquisa propõe analisar os efeitos duráveis da pandemia de COVID-19 na vida de famílias urbanas vulneráveis de cinco cidades brasileiras, localizadas em quatro estados diferentes: Campinas (SP), São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ), Altamira (PA), Belém (PA) e Ariquemes (RO). Desde maio de 2020, estamos em interlocução com as Profas. Clara Han e Veena Das, do Departamento de Antropologia da Universidade Johns Hopkins (EUA), em torno da pesquisa 'Implementation of COVID-19 related policies for household inequalities across five countries', que foi financiada pelo Nacional Science Foundation (EUA) nos primeiros 6 meses. Os objetivos, métodos e hipóteses da presente proposta derivam dessa investigação, cuja etapa de produção de dados foi iniciada em agosto de 2020 e, no Brasil e de modo voluntário, teve sua primeira etapa finalizada em fevereiro de 2022, pois não era possível de ser continuada sem financiamento.

Através de um estudo em profundidade realizado com famílias vulneráveis, documentamos o cotidiano de 16 famílias, no que se refere, especialmente, às variações na condição socioeconômica, na saúde, na moradia, alimentação e no acesso a serviços públicos. Esta pesquisa foi realizada de maneira remota por 12 pesquisadoras e envolveu cinco instituições - CEBRAP, UNICAMP, UERJ, UFRJ E UFRR. A proposta de pesquisa aqui expressa busca dar continuidade à mesma metodologia de pesquisa, que será descrita em detalhes adiante, e manterá a mesma equipe e as mesmas famílias. Todavia, pretendemos ampliar o escopo da investigação, inclusive a partir do custeio de bolsas de iniciação científica, mestrado e doutorado, buscando compreender as dimensões de mais longa duração da pandemia na vida dessas famílias, especialmente em termos dos seus efeitos cotidianos (Das, 2015 e 2020). O instrumento de pesquisa que utilizamos, que anexamos ao final desse documento, foi também utilizado nos outros países que integram a investigação internacional associada a esse projeto, o que possibilitará adensamento das redes de debates e análises cruzadas em perspectivas locais, nacionais e internacionais¹.

¹ Além do Brasil, equipes dos seguintes países estão envolvidas na proposta: Bangladesh, Chile, Coreia do Sul, Índia e Reino Unido (nesse caso, com foco na diáspora bangladeshiana).

A proposta consiste em investigar, de um ponto de vista etnográfico e processual, como as novas políticas e arranjos legais, bem como as novas dinâmicas sociais impostas pela pandemia - e possivelmente também pelo que tem sido designado como pós-pandemia - afetam a vida de famílias vulneráveis que lidam diariamente com posições de trabalho precárias, redes de infraestrutura insuficientes (água, eletricidade, saneamento básico), além de doenças crônicas e deficiências associadas e/ou agravadas pela pobreza (diabetes, hipertensão, asma, tuberculose, demência etc). Realizamos a pesquisa junto a famílias com renda mensal inferior ou igual a um salário-mínimo, em que as mulheres ocupam posições centrais, seja como principais provedoras do sustento familiar, seja como responsáveis pelas decisões domésticas relativas às casas e aos filhos. A incerteza e a precariedade são, portanto, constitutivas da experiência social dessas famílias, e ao mesmo tempo são agravadas em circunstâncias socioeconômicas e políticas específicas (Butler, 2006; Das e Han, 2016), como os momentos de crise (Narotzky e Besnier, 2020). Observar como as pessoas navegam em meio à incerteza intensificada pela crise sanitária implica um acompanhamento que se estenda no tempo e um refinamento do conceito de crise (Fassin, 2020; Ferreira, 2020).

A escolha dessas famílias remonta, na maioria dos casos, a temas, redes e interesses de pesquisas anteriores, o que nos permite revisitar informações e construir reflexões teóricas de mais longo prazo. O acompanhamento periódico da vida cotidiana dessas famílias, realizado através de aplicação de questionários, entrevistas, conversas informais de forma remota e através do trabalho de campo, tem revelado questões importantes sobre o novo cenário da vulnerabilidade no Brasil, associado à pandemia de Covid-19. Acompanhamos as formas de acesso a serviços públicos das famílias envolvidas na pesquisa, a gestão de doenças crônicas, adoecimentos e mortes, a variação nas condições de trabalho e renda, o acesso a informações sobre Covid-19, a convivência doméstica e a desigualdade no interior das casas, bem como a inserção em redes de apoio e de assistência mediadas por agentes públicos, políticos, trabalhadores de Organizações não-governamentais, lideranças comunitárias etc.

Assim como a escolha das famílias, a escolha das cidades alcançadas pela pesquisa levou em consideração experiências de pesquisas e redes de relações anteriores. Mas também atentamos para a necessidade de pensar os efeitos da pandemia de Covid-19 em cenários urbanos de diferentes portes e características em relação à infraestrutura e formas de acesso a serviços e políticas públicas. Nessas cidades, envolvemos famílias que vivem em espaços de favelas, ocupações, reassentamentos e conjuntos habitacionais. A presença de grupos armados ou que exercem controle territorial em constante conflito com agentes policiais do Estado e, com isso, as experiências de violência nos locais onde vivem as famílias envolvidas no estudo,

é um contexto pouco abordado, mas igualmente fundamental para analisarmos os meandros da interface entre as medidas legais, as políticas públicas e as dinâmicas sociais em tempos de Covid-19 (Hirata et al, 2020; Leite, 2020; Alves, 2020).

A ampliação do escopo e da duração da investigação aqui proposta tem como objetivo produzir análises sobre os efeitos da pandemia da Covid-19 que se estenderão ao que tem sido nomeado como mundo pós-pandêmico, e sobre como as populações de baixa renda vem lidando e respondendo a esses e a outros problemas. Nossa hipótese geral é a de que os efeitos duradouros da pandemia de Covid-19 aprofundam desigualdades sociais previamente existentes, atingindo diferencialmente as populações por classe, gênero, etnia, raça, nacionalidade, adesão religiosa, idade e território. Acrescentamos ainda que os efeitos duradouros da pandemia podem aprofundar o cenário das desigualdades sociais no Brasil.

ENUNCIADO DO PROBLEMA

A pandemia é aqui apreendida como um processo. E o trabalho proposto é etnografia estruturada. Nesse sentido, ela foi captada de maneira mutante ao longo dos meses de investigação. Acompanhamos um cenário de extrema incerteza, a adaptação a um cotidiano marcado pelo contexto pandêmico em que as medidas como uso de máscara e álcool-gel foram fazendo parte das vidas diárias, a experiencia de aulas remotas e suspensão do atendimento médico em unidades de saúde e vimos também muitas das famílias acompanhadas serem vacinadas. O Brasil figurou como um dos principais epicentros da pandemia no mundo, sendo o segundo país com maior número de óbitos, com uma taxa quatro vezes maior do que a média mundial (FIOCRUZ, 2021, p. 1).

As razões do insucesso do Brasil no enfrentamento à Covid-19 apontam para a importância de compreendermos os aspectos sociais e políticos da pandemia, tanto por meio de uma análise de políticas públicas estruturadas e transformadas desde, pelo menos, fevereiro de 2020 (quando o primeiro caso foi identificado no país), quanto através dos seus impactos nos setores mais vulneráveis da população, que são aqueles que sentiram com mais rapidez e com mais intensidade os efeitos da crise sanitária da Covid-19 e que apresentaram respostas variadas a esse cenário, destacadas pela bibliografia (Abramowicz, 2020; Conceição e Cruz, 2020; Cortado, 2020; Fazzioni, 2020; Faustino, 2020; Fernandes, 2020; Lago 2020; Leite, 2020; Mattar e Azize, 2020; Medeiros e Anjos, 2020; Menezes e Mano, 2020; Padovani, 2020; Parreiras, 2020; Pimenta, 2020; Pimenta et al, 2020; Redondo, 2020; Rodrigues e Silva, 2020; Silva e Maciel, 2020; Santos et al, 2020).

As condições de moradia e a marcação racial estão diretamente relacionadas aos casos e às mortes na pandemia, tendo em vista que a população mais atingida é negra e tem acesso precário ou nem mesmo tem acesso à infraestrutura urbana que conecta as casas à cidade, saneamento básico com fornecimento estável de água, o que dificultou o cumprimento das medidas de prevenção à doença. Assim, a relação entre desigualdade racial, políticas de saúde, de assistência social, de trabalho e emprego e de acesso à moradia é constitutiva do cenário da pandemia e, conseqüentemente, deve servir de base para análises reflexivas sobre o enfrentamento à crise sanitária e, ao mesmo tempo, atentas para as formas de corrigir vulnerabilidades estruturais, que se agravam diante de cenários de emergência.

Do mesmo modo, considerando as transformações no perfil das famílias brasileiras nos últimos vinte anos, especialmente acerca do crescimento do número de residências sob a responsabilidade de mulheres, de 22,2% para 37,3% entre 2000 e 2010, segundo o IBGE (2010), é correto afirmar que as mulheres foram as principais afetadas pela interrupção ou precarização de serviços ligados aos benefícios sociais (redução no atendimento nos Centros de Referência à Assistência Social, por exemplo) e educação infantil (vagas insuficientes nas creches, por exemplo). Nesse contexto, as mulheres pobres e negras e suas famílias são ainda mais afetadas, pois entre elas tanto é maior o papel que os serviços públicos desempenham em seu cotidiano, quanto elas ocupam posições de trabalho mais frágeis e mais mal remuneradas. No contexto doméstico, o cotidiano das mulheres negras é sobremarcado pelas atividades de cuidado - da casa, das crianças, dos doentes, idosos e/ou deficientes. Segundo dados do IBGE, mulheres pretas e pardas compõem o grupo que mais desempenha atividades relacionadas ao cuidado (39,6% e 39,3%, respectivamente), superior ao das mulheres brancas (33,5%), dos homens pretos (27,8%), pardos (26,1%) e brancos (25,2%) (PNAD Contínua, 2019).

Com base nos resultados levantados durante os primeiros 15 meses da investigação, temos comprovada a hipótese de que para famílias com recursos severamente limitados (do ponto de vista econômico, mas também social), o cumprimento das normativas legais e orientações públicas associadas à Covid-19 entrou em conflito com a capacidade de garantir ou fornecer o sustento financeiro. Escassez e incerteza são temas centrais na vida das famílias pesquisadas, e por isso, nossa proposta consiste em analisar **os efeitos duradouros** da pandemia de Covid-19. Para tanto, partimos do cotidiano das famílias pesquisadas, buscando compreender desde como as primeiras políticas para a contenção da disseminação da Covid-19, incluindo *lockdown*, distanciamento social e redução na oferta de serviços (especialmente públicos), foram implementadas nas diferentes cidades brasileiras investigadas e que tipo de respostas elas suscitaram. Em segundo lugar, buscamos descrever quais foram os mecanismos

de garantia de direitos (promovidos por órgãos públicos e por movimentos sociais) para mitigar as dificuldades econômicas e a incerteza para as populações vulneráveis (Baker, Bloom et al, 2020; Zhang, Wang et al, 2020).

A ampliação do escopo da pesquisa em relação ao que foi feito em etapa anterior, cujos resultados e descobertas embasaram a construção da presente proposta, consiste em adensar a análise sobre as medidas específicas criadas no contexto da pandemia que afetaram profundamente a vida cotidiana das famílias vulneráveis e produziram consequências sociais e econômicas. Dentre elas, destacamos as mais abrangentes: **1)** a suspensão de atividades de trabalho, com redução de jornadas de trabalhadores formais e perda de fonte de renda de trabalhadores informais; **2)** a suspensão das atividades presenciais em escolas e implementação de aulas remotas que exigem aparelho celular, acesso à internet, fornecimento de energia elétrica e supervisão dos adultos; **3)** a suspensão de visitas domiciliares de agentes de saúde, de atendimentos ambulatoriais e de cirurgias eletivas e possíveis desdobramentos no tratamento regular de doenças crônicas e agudas; **4)** a implementação de acesso a políticas de assistência social e de distribuição de renda via aplicativo de celular; **5)** a suspensão de atendimento presencial em serviços públicos, como no caso da suspensão de atendimento presencial para regularização migratória na Polícia Federal, ou a longa duração do atendimento no INSS.

Esse conjunto de alterações sociais será analisado a partir das unidades domésticas e comparado a partir de todo o conjunto da pesquisa. O adensamento de dados empíricos, para além de conferir um panorama revelador das complexidades dos principais efeitos duradouros da pandemia de Covid-19, se endereça ao menos a 3 contribuições teóricas referentes aos campos temáticos: 1) Antropologia da saúde e das epidemias; 2) Antropologia do cotidiano e 3) Antropologia do Estado.

Em relação à interlocução com a antropologia da saúde e das epidemias, e tendo em vista a revisão bibliográfica da produção das ciências humanas sobre a pandemia no primeiro semestre de 2020 (Rui et al, 2021), partimos da proposição de que, apesar da Covid-19 ser uma nova doença de escala global, ela não ocorre em lugares a-históricos (Das, 2020). Nesse sentido, seus efeitos e a dinâmica de suas configurações sociais precisam ser considerados (Segata, 2020; Carrara, 2020; Matta et.al, 2021). Como afirma Harvey (2020), a pandemia da Covid-19 é uma pandemia de classe, gênero e raça; ou, segundo Butler (2020), a desigualdade social assegura que o vírus discrimine as vidas mais e menos expostas ao risco e à letalidade.

Nesse sentido, ponderamos que, no Brasil, a pandemia da Covid-19 produziu efeitos e experiências sociais diversos que devem ser compreendido à luz das desigualdades sociais e

raciais operantes, mas também à luz de uma longa história de como diferentes regimes de governo realizaram a gestão das várias epidemias - como as de febre amarela, cólera, varíola, hanseníase, poliomielite, sífilis, zika, tuberculose, entre outras - que atingiram o país desde o século XIX e que resultaram no aprofundamento de experiências políticas autoritárias e de desigualdades de classe, raça e gênero (Cunha, 2005, Carrara, 1996; Beltrão, 2004; Boldrin e Rui, 2022; Chalhoub, 2017; Blanco e Sacramento, 2020; Fonseca, 2020; Rossi, 2021; Scott, 2020). Nessa direção, uma revisão mais substancial dessa bibliografia passa por observar continuidades e descontinuidades históricas, de modo a entender como a experiência social acumulada informa modos específicos de manejo da pandemia no cotidiano. Ademais, o retorno a essa bibliografia visa observar uma política da memória. O que se conta sobre as epidemias? Quais aspectos, dados e grupos sociais são rememorados? A vida cotidiana é parte do que é lembrado? Como estará o debate sobre a pandemia nos 5 anos que compreendem essa investigação?

A escolha pelo estudo do cotidiano como forma de compreender a pandemia da Covid-19, trata-se, por isso, de uma escolha, ao mesmo tempo, teórica e metodológica. Buscamos problematizar a relativamente disseminada percepção da pandemia como um evento extraordinário, que rompe a ordem das coisas, especialmente quando observamos estratégias de incorporação de mais uma fonte de problemas, preocupações e incertezas na dinâmica da vida diária. Sobre essa dimensão, o conceito de cotidiano está alicerçado nas concepções elaboradas por Veena Das (2007, 2015, 2020). Segundo a autora, a experiência de evento crítico e seus efeitos disruptivos é, ela mesma, incorporada às atividades rotineiras, mas o cotidiano não deve ser pensado como oposto ao extraordinário, nem tão somente como rotina e repetição. Ao contrário, nessa perspectiva, é o trabalho de fazer o cotidiano que permite costurar acomodações, sentimentos, relações. Nessa direção, nós pretendemos entender de que modo um evento crítico como a pandemia se sedimenta nas configurações dos problemas diários, nas memórias familiares e nas relações de parentesco, no interior das casas. Ou seja, o engajamento de sujeitos específicos nas rotinas domésticas, diárias, quase invisíveis e ainda assim decisivas para a manutenção da vida, será objeto de nossa análise e descrição. Na vida cotidiana que acompanhamos durante a pandemia, é central apreender de que modo dimensões como gênero, raça, idade e capacidade corporal cruzam o dia-a-dia e determinam quais sujeitos assumem quais posições na manutenção do cuidado, do sustento e da própria estruturação da dinâmica familiar.

Por fim, dialogamos também com as perspectivas do campo da Antropologia do Estado que opera a partir, tanto da sua dimensão administrativa e burocrática – e, portanto, cotidiana -

, quanto a partir de sua dimensão abstrata, teatral e excepcional (Abrams, 1234, Weber, 1234; Foucault, 1234, Sharma e Gupta, 1234, Ferguson, 1234, Souza Lima, 1234, Geertz, 1234). Utilizamos, também, a noção de margens do Estado, tal como propostas por Das e Poole (2009) para pensar as formas como as margens, ou periferias, não são espaços onde poder público não está presente, mas justamente, é onde ele organiza, testa e sedimenta suas formas de atuação. Sobre esse tópico, a pesquisa está especialmente interessada em compreender as formas de acesso a serviços e setores públicos, seja de saúde, de assistência social, educação, segurança – o que implicará um folego maior de pesquisa.

No caso dos serviços de saúde e de assistência social, ambos são regidos por Políticas Nacionais e organizados em Sistemas Únicos - o Sistema Único de Saúde (SUS) e o Sistema Único da Assistência Social (SUAS) - o que significa dizer que são serviços concebidos como universais e, seu acesso, um direito (Levcovitz et al, 2001; Ponte e Nascimento, 2010) com estruturação semelhante em todo o país. A pandemia da Covid-19 não só produziu efeitos sobre a dimensão cotidiana desses serviços (redução no horário de atendimento, suspensão de visitas domiciliares etc.) como oportunizou mudanças estruturais na forma de acesso a serviços e direitos básicos, bem como seu monitoramento e avaliação. Assim, a forma de acesso ao Auxílio Emergencial, por exemplo, que prescindiu de toda a estrutura dos Centros de Referência da Assistência Social (CRAS), utilizando o método de autocadastramento via internet, além de ter provocado o efeito inverso ao esperado, no que se refere ao isolamento e distanciamento social, representou um projeto piloto para implementação de outras políticas socioassistenciais dessa mesma forma (Lupion, 2020; Sordi, 2021)².

Transformações nos serviços públicos que são centrais na vida das parcelas mais pobres da população, exigem adaptações e manejos no cotidiano de famílias inteiras. Nesse sentido, nos propomos investigar quais são esses manejos e com quais redes de relações eles podem ser realizados, com isso, compreendendo os impactos de novas políticas e arranjos legais, bem como das novas dinâmicas impostas pela pandemia, na vida de famílias vulneráveis no Brasil. Nos interessa também apreender como as transformações no acesso a direitos se inscrevem no cotidiano das famílias pesquisadas, produzindo rearranjos familiares, decisões domésticas, redes comunitárias e formas de mobilidade; aspectos que nos parecem centrais para pensar o contexto da pós-pandemia e suas diferentes temporalidades. Consideramos que as medidas

² Em maio de 2021, o Presidente da República anunciou que a inscrição e o acompanhamento do Programa Bolsa Família - o maior programa social do Brasil - não serão mais realizados a partir dos Centros de Referência da Assistência Social. Será utilizado um aplicativo e, com isso, haverá a desvinculação da prestação de serviços socioassistenciais da estrutura pública municipal.

adotadas por órgãos estatais em diferentes escalas se acumulam, se sobrepõem e transformam a vida das famílias, produzindo diferentes experiências de crise. A cada nova medida adotada, as famílias buscam se adaptar ao cenário recém-criado enquanto lidam com os efeitos em andamento de políticas e experiências anteriores e enquanto sustentam o cotidiano.

JUSTIFICATIVA

A pesquisa visa oferecer uma contribuição para a melhor compreensão dos efeitos desiguais da pandemia e das políticas a ela associadas em populações historicamente marcadas pela pobreza e pela vulnerabilidade. Nesse aspecto, conceitos como o de sofrimento social (Kleiman, Das e Lock, 1997) ou violência estrutural (Farmer, 2004) nos orientam para pensar sofrimentos e violências politicamente induzidos, que impedem os sujeitos de negociar os termos de sua própria existência (Pusseti, 2011). Do mesmo modo, a imposição da espera para a oferta de serviços (Ayeuro, 2016), a violência dos sistemas burocráticos (Gupta, 2012) e a ilegibilidade dos documentos e normativas (Das e Poole, 2009) são aspectos centrais que a pesquisa pretende dimensionar empiricamente.

O foco na pesquisa voltada para o acompanhamento longitudinal de famílias em diferentes cidades permite, nesse sentido, qualificar sofrimentos sociais e violências estruturais na articulação entre pobreza e outras desigualdades, como de gênero e raça. Ainda, a abordagem realizada em distintos contextos urbanos envolvendo também diferentes regiões do Brasil permite acessar experiências heterogêneas de vulnerabilidades e desigualdades, assim como heterogêneos são os contextos de acesso a políticas públicas e políticas sociais para o enfrentamento da pandemia. Não é a representatividade numérica que nos orienta na descrição da heterogeneidade, mas a estruturação de um instrumento de pesquisa e a densidade das informações produzidas. Além disso, a possibilidade de diálogo internacional colocado na pesquisa permite iluminar singularidades históricas que marcam as formas pelas quais epidemias, desigualdades e vulnerabilidades desenham quadros singulares a depender dos contextos nacionais abordados.

Nessa direção, a produção de um conhecimento situado e qualificado empiricamente a respeito das distintas experiências sociais marcadas pela pandemia coloca-se como aposta fundamental. Vale enfatizar que a pesquisa pretende compreender estratégias de enfrentamento à crise tanto no nível subjetivo e doméstico quanto das organizações comunitárias e do acesso a políticas públicas no cotidiano dos sujeitos, informações que são difíceis de captar em desenhos de pesquisa que não são aprofundados ou longitudinais. Por isso, através das experiências familiares, consideramos fundamental compreender como elas se articulam a

redes comunitárias de ajuda e solidariedade, bem como a redes de transmissão de informação sobre saúde e serviços; tendo como premissa que tais redes só puderam ser tecidas nesse cenário de emergência porque existiam antes dele (Mello, 2020). Descrever suas capacidades e constrangimentos de mobilização, bem como suas capilaridades nas unidades domésticas, corrobora para um entendimento refinado da produção de resiliência em diferentes âmbitos.

No caso do Brasil, ainda, é importante mencionar que a pandemia foi – e tem sido – marcada por disputas nas esferas municipal, estadual e nacional, com políticas desencontradas e que frequentemente contrariam recomendações dos organismos internacionais de saúde. As formas pelas quais a população mais pobre lidou com tamanha instabilidade e seus efeitos no grau de confiabilidade das orientações de saúde são aspectos que merecem maior aprofundamento. Nesse sentido, o contexto nacional e mesmo os contextos locais impactam fortemente o entendimento público sobre ciência e sobre risco, produzindo impacto direto nas formas de prevenção e controle da pandemia, observáveis inclusive no comportamento das pessoas.

Ainda, nossa pesquisa permite inferir que as informações levadas em conta pelas pessoas são de origem muito diversa e circulam por meios digitais distintos, o que envolve as questões de inclusão digital e tecnológica e também de comunicação social. As informações que circulam por aplicativos instantâneos de mensagens e por contextos do bairro e das igrejas, por exemplo, conviveram e disputaram confiança com aquelas informações sancionadas por políticas públicas e pela imprensa. Compreender o funcionamento e o impacto dessas redes de transmissão de informação é fundamental para a construção de políticas mais acuradas de enfrentamento de situações como a pandemia. Além disso, é central para a produção de instrumentos de divulgação científica que possam comunicar-se com mais eficiência com populações vulneráveis – algo que está no escopo dos resultados da pesquisa, como será mostrado adiante.

OBJETIVOS

O objetivo geral da pesquisa é compreender os efeitos duradouros da pandemia da Covid-19 na vida de famílias vulneráveis no Brasil. De forma geral, questionamos como os arranjos legais, as políticas públicas e as dinâmicas sociais estabelecidas na pandemia afetam o cotidiano dessas famílias. Buscamos compreender como essas transformações, ao interagirem com as desigualdades sociais já existentes, modulam e são moduladas na vida cotidiana das famílias investigadas.

Por tratar-se de uma pesquisa em curso, já identificamos a necessidade de acompanhar os impactos dos auxílios financeiros disponibilizados a nível federal, estadual e municipal, bem como suas formas de acesso e gestão e o modo como se sobrepuseram a cortes e rearranjos de outros benefícios sociais, que resultaram no desmonte do Bolsa Família. Igualmente, identificamos as alterações no acesso a serviços de assistência social e saúde, e principalmente o impacto que a suspensão e redução de atendimentos de serviços públicos tiveram nas condições de vida da população que depende exclusivamente desses serviços. No que se refere aos serviços de saúde, consideramos que o agravamento de doenças crônicas, a emergência de novas doenças, ainda vagamente descritas como “sequelas da COVID”, e suas consequências nas relações de cuidado seguirão se apresentando como problemas relevantes, no contexto pós-pandêmico, aprofundando desigualdades pré-existentes. Além disso, a instauração do ensino remoto e híbrido nas escolas, dentre outras dinâmicas e redefinições cotidianas, sobrecarregaram e responsabilizaram, ainda mais, as mulheres e as crianças pobres, com consequências ainda não de todo documentadas.

Esse objetivo geral e as questões previamente identificadas se desdobram nos seguintes objetivos específicos da pesquisa:

- a) descrever como se deu o acesso aos auxílios emergenciais, sua regularidade, os mecanismos enfrentados e as redes de ajuda que se constituíram para obtê-lo por meio de cadastro no aplicativo Caixa Tem. O acompanhamento longitudinal permitirá compreender como essa política afeta as famílias e é agenciada nas economias populares. Assim, pretendemos dimensionar o que esses auxílios representaram nos orçamentos domésticos, as finalidades de sua utilização e quais as consequências de sua diminuição e/ou interrupção no cotidiano das famílias.
- b) observar nas políticas de Assistência Social o impacto causado pela opção do Governo Federal em usar aplicativo para acessar a população que não constava no Cadastro Único. Ao lançar mão de um instrumento digital, prescindindo da estrutura existente, a alta busca pelo benefício evidenciou a demanda existente para além da mapeada nos Centros de Referência da Assistência Social (CRAS), que são estruturas públicas com centralidade nos bairros de baixa renda no país. Assim, pretendemos refletir sobre os efeitos de curta e longa duração que a constatação de populações vulneráveis para além da contabilizada pela assistência social poderá provocar. Ao analisar a continuidade, interrupção ou substituição de benefícios nas unidades domésticas, o objetivo é analisar como a redefinição das políticas de assistência social e o fim de seu principal programa – o Bolsa Família, ocorridas na pandemia, e depois dela, impactará o acesso a esses

direitos, bem como a dinâmica e o bem-estar de famílias pobres. Tais aspectos a e b merecem uma investigação detalhada e estamos propondo aqui sua consecução em um trabalho de mestrado.

- c) detalhar como as famílias enfrentaram o colapso da saúde agravado pela pandemia. O foco é compreender como a queda de atendimentos na escala da atenção primária de saúde altera dinâmicas de cuidado e como a suspensão de tratamentos e terapias regulares afeta a saúde das pessoas. Da mesma forma, nos interessa descrever como as famílias lidam com problemas de saúde agudos durante esse período, além de evidenciar como a escassez e a má distribuição de remédios agrava os processos de adoecimento. No caso das pessoas que adoeceram da Covid-19, observaremos a manifestação de sintomas e de experiências físico-morais variadas no que tem sido enquadrado como sequelas da doença e as ações terapêuticas geradas. O objetivo é investigar as formas de acesso à saúde e como a qualidade desses serviços é diferencialmente experimentada pelas famílias, tendo distintos impactos no cotidiano.
- d) acompanhar os efeitos no cotidiano das famílias decorrentes de situações como a suspensão das aulas presenciais e adoção de ensino remoto. Buscaremos compreender, de um lado, como foram operadas as políticas de assistência das escolas públicas, como cartão de alimentação, cestas básicas, kits alimentação; de outro, de que modo a presença das crianças por mais tempo em casa transformou a vida de mulheres pobres, tanto as chefes de família, como as jovens que também trabalham em casa. O objetivo é entender as relações entre as rotinas e decisões domésticas e as mudanças na educação. Além disso, observaremos a longo prazo os impactos desse período na trajetória escolar das crianças e adolescentes, dentre eles, o processo de alfabetização e aprendizado e a evasão escolar.

MEIOS E MÉTODOS

Como já expressei, no Brasil, estamos acompanhando famílias que vivem nas cidades de Campinas e São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ), Belém (PA), Altamira (PA) e Ariquemes (RO). São famílias que moram em favelas, ocupações, reassentamentos e conjuntos habitacionais, compostas por pessoas com diferentes inserções no mercado de trabalho, como prostitutas, poetisas, porteiras, pedreiros, carregadores de caminhão, manicure, comerciantes e vendedores, professores, agente comunitária de saúde, agente social de habitação, subempreiteiro de obras públicas, treinador de handebol e também aposentados e

desempregados. A proposta metodológica aqui apresentada consiste em seguir acompanhando essas mesmas famílias ao longo do tempo vigente da pesquisa, a partir da aplicação mensal do questionário que que tem nos orientado (anexo). Esse questionário é complementado por entrevistas e trabalho de campo junto a essas famílias e aos serviços públicos de maior referência no cotidiano.

A proposta de aplicação longitudinal, no campo da antropologia, é uma metodologia inovadora no Brasil e deriva de um instrumento de trabalho semelhante que já havia sido testado por Veena Das em estudo interdisciplinar, realizado em periferias de Nova Delhi, na Índia. Essa experiência de pesquisa e seus possíveis rendimentos analíticos estão descritos no primeiro capítulo de *Affliction* (Das, 2015). Com o intuito de identificar quais categorias as pessoas usam para expressar mal-estares, aflições, e quais desses são identificados como partes da vida corrente ou como promovendo rupturas, foi aplicado um mesmo *survey* mensalmente por um período de 2 anos. Essa periodicidade, como nota a autora, foi importante para dimensionar os problemas enfrentados pelas famílias, o quão frequentemente as pessoas ficavam doentes, o quanto e em quais ocasiões elas acessaram profissionais e serviços de saúde. Do mesmo modo, o instrumento permitiu captar temporalidades dos sintomas e das decisões tomadas durante o curso das doenças, além de permitir perceber como as histórias de algumas doenças se ligam a histórias das redes de parentesco e das relações de ajuda.

Quando iniciamos o uso desse instrumento, o fizemos de modo tentativo e quinzenalmente entre agosto e dezembro de 2020. Ainda que a percepção imediata fosse de poucas mudanças no cotidiano dos respondentes, a repetição sistemática das questões, quando vista a posteriori, confirmou-se como uma inovadora e produtiva abordagem metodológica, na medida em que permitiu não só observar, mas dimensionar mudanças e permanências nas vidas cotidianas dos respondentes. Fazer as mesmas questões e depois discuti-las em um coletivo de pesquisadores tem permitido a comparação e o diálogo em muitos níveis (domésticos, locais, nacionais, transnacionais etc).

Para evidenciar como esse instrumento permite descrever em profundidade e densidade o cotidiano familiar, trazemos dois exemplos: o caso do Auxílio Emergencial e a rede de ajuda que uma de nossas interlocutoras acionou durante o segundo semestre de 2020.

Durante o primeiro semestre da pesquisa, a maioria das famílias passou a receber o Auxílio Emergencial, que se tornou a principal - quando não a única - fonte de renda. Uma das perguntas direcionadas às nossas interlocutoras era se nos últimos quinze dias a condição socioeconômica da família havia melhorado, piorado ou permanecido a mesma. Embora, por um lado, algumas famílias tenham reportado melhora imediata com o recebimento de parcelas

do Auxílio Emergencial, por outro lado, a alta de preços, a impossibilidade de realizar "bicos" (especialmente para mulheres que trabalham como diaristas em outras residências) e o aumento nas despesas com água, gás e eletricidade decorrente do confinamento, tornou a vida ainda mais difícil para muitas famílias, especialmente aquelas mais numerosas e com crianças pequenas. Refazer as mesmas questões quinzenalmente também permitiu observar como a percepção do *status* econômico varia ao longo de um mesmo mês, sendo que, normalmente, a segunda quinzena implicou em diminuição das despesas e contenção de gastos, como também maior acionamento das redes de ajuda. Com a suspensão e o posterior retorno do Auxílio Emergencial em 2021, dessa vez com valor reduzido, as famílias tiveram que adaptar suas vidas para enfrentar situações que pareciam provisórias e improvisadas, mas que se estenderam no tempo.

O questionário aplicado contém também perguntas a respeito das formas de ajuda que se estabelecem entre familiares, vizinhos e amigos, denotando as relações travadas, não apenas entre os moradores de uma única casa, mas entre diferentes unidades domésticas. As perguntas se referem a doações, empréstimos e outras formas de ajuda regulares entre famílias, como o cuidado com a casa e com as crianças, idosos e pessoas com deficiência. Acompanhar de modo longitudinal e sistemático essas formas de ajuda permitiu a uma das pesquisadoras elaborar um quadro da rede de ajuda de uma interlocutora de pesquisa, que foi central para que ela pudesse seguir sustentando sua casa e sua família durante a pandemia. O quadro também mostra como a ajuda se traduz em diferentes práticas, como troca de objetos, empréstimos e favores, e como a dívida e o endividamento são frequentes no cotidiano dos domicílios vulneráveis, como pode ser visto na tabela abaixo. Nesse caso em específico, a pesquisadora ajudou com o pedido online de doações e se tornou também um membro importante desta rede de auxílio.

mês/ano	pessoa/instituição	forma de ajuda	finalidade
set/20	Tia	<i>me emprestou R\$ 100,00</i>	supermercado
set/20	Milu (vizinha)	<i>comprou sabão em pó, pão e pagou minha passagem pra eu ir para a igreja</i>	supermercado e transporte
set/20	Filha	<i>me emprestou cartão alimentação do trabalho</i>	supermercado
set/20	escola pública	<i>me deram uma cesta básica</i>	alimentação

set/20	Maria (vizinha)	<i>passou o cartão pra mim (R\$ 300,00)</i>	supermercado
set/20	Milu (vizinha)	<i>me emprestou nebulizador</i>	saúde
out/20	Maria (vizinha)	<i>passou o cartão pra mim</i>	supermercado
out/20	Pesquisadora	<i>dinheiro que você me deu (R\$ 550,00)</i>	supermercado e pagar contas
out/20	Pesquisadora	<i>dinheiro que você me deu (R\$ 550,00)</i>	supermercado e pagar contas
nov/20	Filha	<i>me emprestou R\$ 100,00</i>	pagar dívidas
nov/20	Filha	<i>me emprestou o cartão alimentação do trabalho</i>	supermercado
nov/20	Filha	<i>me deu R\$ 100,00</i>	pagar dívidas
nov/20	Pesquisadora	<i>dinheiro que você me deu (R\$ 300,00)</i>	pagar contas e dívidas
nov/20	escola pública	<i>me deram uma cesta básica</i>	alimentação
dez/20	Filha	<i>pagou uma luz e um gás pra mim</i>	pagar contas
dez/20	Filha	<i>pagou uma parcela do carrinho [instrumento de trabalho] para a vizinha</i>	compra de instrumento de trabalho
dez/20	Tia	<i>me emprestou R\$ 100,00 pra pagar o carrinho</i>	compra de instrumento de trabalho
jan/21	Filha	<i>pagou uma luz e um gás pra mim (R\$ 200,00)</i>	pagar contas
fev/21	Gaúcho (vizinho e primo de consideração)	<i>ele comprou a carne pra eu começar a vender as quentinhas (R\$ 300,00)</i>	voltar a trabalhar
fev/21	Maria (vizinha)	<i>passou o cartão pra mim (R\$ 522,00)</i>	compra de painéis e outros materiais para venda de quentinhas
mar/21	Andrea (vizinha)	<i>peguei fiado as vasilhas com ela (R\$ 50,00)</i>	venda de quentinhas

O instrumento da pesquisa, portanto, torna visível, qualificado e quantificado, uma série de elementos do cotidiano das unidades domésticas. Ao ser aplicado por antropólogas, ele é também complementado por acompanhamento das situações ocorridas, nos moldes de

uma pesquisa com caráter etnográfico. Em razão das orientações de distanciamento social impostas, a maior parte das conversas realizadas até aqui se deram por meio do aplicativo WhatsApp ou por ligação telefônica. Como grande parte das interlocutoras foi acessada a partir de experiências prévias de pesquisa, anteriores à pandemia, nessas conversas, seguimos o fluxo dos acontecimentos na vida delas, acompanhando suas preocupações diárias, bem como suas buscas para solucionar os problemas, os imprevistos, as necessidades e os desejos que surgem no cotidiano.

Ainda que a realização de pesquisas via aplicativo WhatsApp apresente, também, limites, é preciso reconhecer que essa estratégia de comunicação e diálogo inaugurou uma nova forma de acompanhamento do cotidiano à distância, possibilitando a análise longitudinal mediada pela tecnologia. Por meio do WhatsApp, recolhemos mensagens de texto, de áudio, imagens, às vezes em tempo real, às vezes de maneira assíncrona. Em muitos casos, sentimos que passamos a fazer parte do dia-a-dia das pessoas, inclusive porque, desde o início da pandemia, temos passado cada vez mais tempo conectadas a telas e dispositivos. Nossas interlocutoras começaram a nos procurar para conversar sobre temas variados, nos relataram sobre o estado de saúde dos familiares, sobre as brigas e discussões entre parentes e vizinhos, nos encaminharam áudios de pessoas envolvidas em seus conflitos e também nos pediram diversos tipos de ajuda. Em alguns casos, nossas interlocutoras nos incluíram nos grupos de WhatsApp que participam. O compartilhamento de experiências cotidianas mediada pela tecnologia é algo que também pretendemos aprofundar em nossas reflexões, bem como discutir as limitações (inclusive éticas) desse tipo de abordagem.

Na proposta que aqui se apresenta, já num contexto sanitário mais seguro possibilitado pela vacinação, o trabalho de campo e o compartilhamento presencial do cotidiano será retomado, o que certamente abrirá outras questões empíricas e analíticas. Para além das possibilidades que o trabalho de campo permite, temos a intenção de produzir um vídeo para documentação e visibilidade do projeto. Está no nosso horizonte, ainda, o trabalho com a técnica da cartografia social (Almeida, 2015), visando construir mapas situacionais, que evidenciem aspectos como o trânsito das famílias, suas redes de cuidado e ajuda mútua, o acesso a redes de saúde e assistência social. O resultado pode ser expresso num fascículo que combine materiais visuais e escritos que visam fortalecer as hipóteses desta pesquisa.

Se obtido, o financiamento viabilizará a aplicação de ao menos 736 questionários junto às 16 famílias pesquisadas, durante 4 anos de pesquisa. A partir deles, esperamos demonstrar em detalhes e em diferentes formatos (textos acadêmicos, podcasts, mini-documentário e fascículos) os impactos da pandemia sobre várias dimensões do cotidiano da

população mais pobre e, sobretudo, os modos como as pessoas elaboram formas de contornar as adversidades.

PLANO INTEGRADO ENSINO e PESQUISA e RESULTADOS ESPERADOS

Desde uma perspectiva mais abrangente, um dos resultados esperados é o avanço do refinamento de estratégias de pesquisa e das ferramentas analíticas voltadas para a compreensão de situações de emergência e do seu impacto no cotidiano de famílias vulneráveis a partir do uso de um instrumento inédito no Brasil. O investimento numa abordagem longitudinal do cotidiano das famílias permite a compreensão de experiências sociais situadas diante de eventos de escala global, como a pandemia da Covid-19, colaborando para um conhecimento mais refinado dos desafios a serem enfrentados em termos de políticas de redução das desigualdades e vulnerabilidades. Do mesmo modo, a atuação em colaboração com equipes em diferentes cidades, instituições e países permitirá a colaboração institucional e a construção de análises realizadas a partir de diferentes contextos locais e transnacionais. Trata-se de um investimento de pesquisa fundamental também para a consolidação de redes de colaboração científica, com frutos a serem sentidos a longo prazo.

Assim, buscar-se-á oferecer disciplinas espelhadas em cursos de graduação e pós-graduação nas Universidades envolvidas nessa pesquisa, prevendo momentos cruzados do conteúdo do curso através de reuniões online. Do mesmo modo, propomos realizar seminários conjuntos nessas Universidades, que possam, inclusive, contar com participação de convidados internacionais. De modo mais ambicioso, pretendemos realizar uma missão da equipe nacional à Johns Hopkins University-EUA, onde o trabalho será presencialmente discutido com Veena Das e Clara Han, idealizadoras dessa proposta de pesquisa de modo mais abrangente.

Desde uma perspectiva nacional, o projeto mobiliza jovens docentes, discentes e pesquisadoras em diferentes níveis de formação, fomentando a consolidação também de redes nacionais de pesquisadoras que atuam em diferentes campos de conhecimento nas Ciências Sociais, tais como estudos urbanos, violência, Estado, migrações, gênero, raça, saúde, entre outros. Espera-se que essa bem-vinda articulação entre diferentes especialidades produza dados qualificados que permitam avançar na compreensão dos efeitos das políticas relacionadas à pandemia no cotidiano da vulnerabilidade no Brasil e dos desafios colocados para o enfrentamento das situações vividas por famílias nas diferentes cidades. Tais redes de colaboração devem se traduzir na convivência em reuniões quinzenais realizadas de modo online, na atribuição de bolsas para estudantes da instituição sede da pesquisa (Unicamp), na participação e colaboração desses pesquisadores em propostas a reuniões acadêmicas,

congressos internacionais e nacionais, bem como na publicação de textos e artigos em periódicos de seletiva política editorial. Cabe notar em relação a esse aspecto que análises parciais já vêm sendo disseminadas, tanto em periódicos científicos (Blanco e Sacramento, 2021; Lacerda e Parreiras, 2021; Rui et al, 2021) quanto na mídia especializada (Pierobon, 2020).

Em termos da interlocução com atores sociais para além do ambiente acadêmico, é importante ressaltar que, no decorrer da pesquisa, está prevista não só a sua divulgação em site e redes sociais, mas também a constituição e/ou consolidação do diálogo com atores em diferentes níveis, de entidades civis e mobilização social à gestão pública, alguns deles podendo se efetivar em atividades de extensão, com envolvimento de público ampliado. Assim, a pesquisa prevê o compartilhamento e discussão dos resultados com ativistas sociais e associações comunitárias presentes no cotidiano da pesquisa, bem como com atores da administração pública mobilizados no contexto da pesquisa, além dos moradores em geral. Outra dimensão fundamental da interlocução social para além do diálogo direto com outros atores sociais é a produção de conteúdo de divulgação científica voltado para a qualificação do debate público sobre Covid-19 para um público mais amplo.

Este projeto também pretende articular a relação ensino-pesquisa através da constituição de um grupo de pesquisa que se reunirá quinzenalmente e onde se discutirá dados de campo, produção teórica de interesse de pesquisa, e textos em elaboração dos pesquisadores envolvidos na pesquisa.

Dito isso, os resultados da pesquisa serão divulgados nos seguintes formatos e veículos:

- Livro autoral sobre a pesquisa para público ampliado
- Artigos científicos publicados em periódicos de impacto e apresentações de trabalho em reuniões e congressos científicos nas áreas da antropologia, sociologia, saúde coletiva e áreas afins;
- Sistematização das políticas tomadas em relação aos principais temas que se depreenderam do estudo das famílias, como saúde, assistência social, educação, especialmente;
- Relatórios sintéticos direcionados a movimentos sociais e à imprensa com a divulgação dos principais achados da pesquisa;
- Fascículos cartográficos a partir de relatos e representações socioespaciais da comunidade em face à pandemia de Covid-19;

- Apresentação pública dos resultados em eventos presenciais e *on-line* realizados em parceria com órgãos públicos e/ou entidades da sociedade civil;
- Produções audiovisuais sobre (i) os principais resultados da pesquisa, incluindo perspectivas metodológicas; (ii) o cotidiano de famílias no contexto pós-pandêmico;
- Cooperação quando possível *in loco*, ou remotamente, em projetos de extensão universitária que tem atuado junto a ações comunitárias, auxiliando e fortalecendo redes locais de ajuda e mobilizações para a existência, melhoria e defesa dos serviços de saúde públicos, direito à moradia, saneamento básico e etc.
- Website, podcast e perfis em redes sociais visando a divulgação científica para público mais amplo, envolvendo todos os públicos acima citados;
- Evento internacional com transmissão *on-line*, divulgando resultados em perspectiva comparativa (Brasil, Chile, Coreia do Sul, Reino Unido, Índia e Bangladesh).
- Oferecimento de disciplina espelhadas em cursos de graduação e pós-graduação nas Universidades envolvidas nesta pesquisa;
- Orientações conjuntas distribuídas entre os pesquisadores docentes da pesquisa
- Formação de estudantes em diferentes níveis de formação
- Missão da equipe, incluindo os estudantes, à Johns Hopkins University - EUA

BIBLIOGRAFIA

ABRAMOWICZ SANTOS, Renato. Redes e territórios: Ações de enfrentamento a processos de despossessão em tempos de pandemia. Dilemas. Reflexões na pandemia. Disponível em: <https://www.reflexpandemia.org/texto-93>, Acesso em 07 de julho de 2021.

ALVES, José Claudio. Chame a milícia: O Estado e a violência em tempos de coronavírus. Dilemas: Reflexões na Pandemia. Disponível em: <https://www.reflexpandemia.org/texto-8>, Acesso em 07 de julho de 2020.

BELTRÃO, Jane Felipe. Cólera, o flagelo da Belém do Grão-Pará. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi: Universidade Federal do Pará, 2004.

BLANCO, Lis; SACRAMENTO, Jonatan. O que nos espera depois da pandemia?. In: GROSSI, M. P.; TONIOL, R. (org.). Cientistas sociais e o coronavírus. São Paulo: Anpocs; Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020. p. 77-81.

BUTLER, Judith. Vida precária: el poder del duelo y la violencia. Buenos Aires: Paidós, 2006.

_____. El capitalismo tiene sus límites. In: AMADEO, P. (org) Sopa de Wuhan. La Plata: Editorial ASPO, 2020.

CARRARA, Sérgio. Tributo a vênus: a luta contra a sífilis no Brasil, da passagem do século aos anos 40. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1996.

CHALHOUB, Sidney. Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

CONCEIÇÃO, Wellington da Silva; CRUZ, Rafael de Oliveira. 2020. “Quanto mais perto, mais real fica: emoções frente à pandemia do Coronavírus em uma pequena cidade do Tocantins”. In.: M. Koury. (org.) *Tempos de Pandemia: reflexões sobre o caso Brasil*. Florianópolis: Tribo da Ilha. pp. 142-164.

CORTADO, Thomas. ‘Tem de enfrentar a chuva’: Casa, vida e mobilidade entre camadas populares brasileiras. Dilemas: Reflexões na pandemia. Disponível em: <https://www.reflexpandemia.org/texto-37>, Acesso em 07 de julho de 2021.

CUNHA, Neiva Vieira. Viagem, Experiência e Memória: Narrativas de Profissionais da Saúde Pública dos anos 30. 1ª. ed. Bauru: EDUSC, 2005. 328p

DAS, Veena. Critical Events: An Anthropological Perspective on Contemporary India. New Delhi: Oxford University Press, 1995.

_____. Life and Words: violence and the descent into the ordinary. Berkeley/Los Angeles: University California Press, 2007.

_____. Affliction: health, disease, poverty. New York: Fordham University Press, 2015

_____; HAN, Clara. Introduction: a concept note. In: _____. Living and dying in the contemporary world: a compendium. Oakland, California: California University Press, 2015a.

_____; Textures of the Ordinary: doing anthropology after Wittgenstein. New York: Fordham University Press, 2020.

FAZZIONI, Natália. “O que podemos aprender sobre “cuidado” com a epidemia do coronavírus. 2020. *Laboratório de Etnografias e Interfaces do Conhecimento* – LEIC, 5 de abril. Disponível em: <https://leicufrij.wordpress.com/2020/04/05/o-que-podemos-aprender-sobre-cuidado-com-a-epidemia-de-corona-virus-por-natalia-fazzioni/> Acesso: 31 mar. 2021.

FAUSTINO, Deivison. 2020. *O Coronavírus e a quarentena que não chega na periferia: o que fazer?*. Disponível em: <<http://deivisonnkosi.kilombagem.net.br/artigos/saude/corona-virus-mas-e-se-a-sua-quarentena-nao-chegar-na-periferia-o-que-fazer/>>. Acesso: 04 jan. 2021.

FARMER, Paul, 2004, “An anthropology of structural violence”, *Current Anthropology*, 45 (3): 305-325.

FERNANDES, Adriana. 2020. “Coronel Vírus chegou. Notas etnográficas sobre a Covid-19: entre vulnerabilizados da cidade do Rio de Janeiro”. *Sexualidade, Saúde e Sociedade: revista latino-americana*, 35, pp. 7-34. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludySociedad/article/view/51782/35135> Acesso: 15 dez. 2020.

FIOCRUZ. Boletim Observatório Covid-19. Boletim Extraordinário, 25 de junho de 2021. Disponível via: https://agencia.fiocruz.br/sites/agencia.fiocruz.br/files/u34/boletim_extraordinario_2021-junho-23-parte1-pags01-08.pdf Acesso 6 jul 2021.

HARVEY, David. Política anticapitalista em tempo de coronavírus. In: Amadeo, P (org) *Sopa de Wuhan*, La Plata, editorial ASPO, 2020.

HIRATA, Daniel; GRILLO, Carolina; DIRK, Renato. 2020. “Apresentação ao relatório Operações Policiais e Ocorrências Criminais: por um debate público qualificado”. *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*. Reflexões na Pandemia. pp. 1-19.

KLEINMAN, Arthur, Veena DAS, e Margareth LOCK, 1997, *Social Suffering*. Berkeley, University of California Press.

LAGO, Natalia. Na ‘linha de frente’: Atuação política e solidariedade entre ‘familiares de presos’ em meio à Covid-19. *Dilemas: Reflexões na Pandemia*. Disponível em: <https://www.reflexpandemia.org/texto-80>, Acesso em 07 de julho de 2021.

LEVCOVITZ, Eduardo, Dias de Lima, Luciana, & Machado, Cristiani. Política de saúde nos anos 90: relações intergovernamentais e o papel das Normas Operacionais Básicas. *Ciência & Saúde Coletiva*, 6(2), 2001, pp. 269-291.

LEITE, Marcia. 2020. “Biopolítica da Precariedade em tempos de pandemia”. *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*. Reflexões na Pandemia, pp. 1-16.

Lins, Beatriz A. Mulheres, violência doméstica e Covid-19: o que a tecnologia tem a ver com isso? *AntropoLógicas Epidemicas*, 13 de abril de 2020.

LUPION, Bruno. 2020. “Na epidemia, governo ignora sistema de assistência social que protege mais pobres”. *Instituto Humanitas Unisinos*, 23 de maio. Disponível via: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/599259-na-epidemia-governo-ignora-sistema-de-assistencia-social-que-protege-mais-pobres>

MATOS, Marlise. Pandemia COVID-19 e as mulheres. Boletim da ANPOCS, n.11

MATTAR, Viviane; AZIZE, Rogério. 2020. “Distanciamento comunitário? Perspectivas sobre Covid-19, favela e transferência de renda”. *INCT Brasil Plural*. Disponível via: <https://brasilplural.paginas.ufsc.br/antropologia-na-pandemia/distanciamento-comunitario-perspectivas-sobre-covid-19-favela-e-transferencia-de-renda/> Acesso: 31 mar. 2021.

MEDEIROS, Flavia; ANJOS, Priscila dos. 2020. “Doença, violências e racismo: a pandemia do novo coronavírus em Florianópolis/SC”. *Pontourbe: revista do núcleo de antropologia urbana da USP*, n.27 ago-dez. Disponível via: <https://journals.openedition.org/pontourbe/9502> Acesso em 4 jan. 2021.

MELLO, Katia Sento. Desigualdade, negligência, urgência, violência e potência na favela a partir da pandemia da Covid-19: Entrevista com Eliana Silva, fundadora da Redes da

Maré, Rio de Janeiro. Dilemas. Reflexões na Pandemia. Disponível em: <https://www.reflexpandemia.org/texto-30>, Acesso em 09 de julho de 2021.

MENEZES, Palloma. MANO, Apoena. Sanitização comunitária, articulações e trocas de conhecimentos para ‘cuidar dos nossos’: Entrevista com Thiago Firmino, liderança da favela Santa Marta, Rio de Janeiro. Dilemas: Reflexões na Pandemia. Disponível em: <https://www.reflexpandemia.org/texto-85>, Acesso em 07 de julho de 2021.

NAROTZKY, Susana; BESNIER, Nico. Crisis, valor y esperanza: repensar la economía. Cuadernos de Antropología Social, n. 51, p. 23-48, 2020.

PADOVANI, Natalia. Nós Por Nós: Teias de solidariedade, políticas de desencarceramento e abolicionismo penal no mundo em pandemia. Dilemas: Reflexões na Pandemia. Disponível em: <https://www.reflexpandemia.org/texto-81>, Acesso em 07 de julho de 2021.

PARREIRAS, Carolina. “The Covid-19 Pandemic and the Reconfigurations of Domestic Space in Favelas. Brief Reflections on Intimacies and Precariousness”. *Anthropology in Action*, 28 (1), pp. 52-56, 2020.

PIMENTA, Denise. “Pandemia é coisa de mulher: breve ensaio sobre o enfrentamento de uma doença a partir das vozes e silenciamentos femininos dentro das casas, hospitais e na produção acadêmica”. *Tessituras*, v.8, n. 5, pp. 8-19, 2020.

PIMENTA, Denise; SORDI, Caetano; FAZZIONI, Natália; BULAMAH, Rodrigo. 2020. “Dias de pandemia: uma descida ao cotidiano da doença”. *Pontourbe: revista do núcleo de antropologia urbana da usp*, n.27 ago-dez. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/9856> Acesso: 4 jan. 2021.

PONTE, Carlos, & NASCIMENTO, Dilene. Os anos de chumbo: a saúde sob a ditadura. Em J. R. Reis, & M. Velasques, *Cantos, contos e imagens: puxando mais uns fios nessa história*, 2010 pp. 181-218. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz.

PUSSETI, Chiara e BRAZABENNI, Micol. Sofrimento social: idiomas da exclusão e políticas do assistencialismo. *Revista Etnografica*, vol.15 (3), 2011.

REDONDO, Michelle. 2020. “O Covid-19 e o reconhecimento do trabalho doméstico como essencial”. *Boletim Ciências Sociais e o Coronavírus*, 71. Disponível em: <http://anpocs.org/index.php/publicacoes-sp-2056165036/boletim-cientistas-sociais/2399-boletim-cientistas-sociais-n-71> Acesso: 20 dez. 2020.

RODRIGUES, Vera; SILVA, Mona Lisa da. 2020. “O cotidiano da Covid-19 no olhar de mulheres negras cearenses”. *Pontourbe: revista do núcleo de antropologia urbana da USP*, n.27 ago-dez. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/9203>. Acesso: 28 dez. 2020.

ROSSI, Luiz Gustavo F. Racismo, contágio e passados pós-epidêmicos. NEXO Políticas Públicas, 25 jun 2021. Disponível em: <https://pp.nexojournal.com.br/opiniao/2021/Racismo-cont%C3%A1gio-e-passados-p%C3%B3s-epid%C3%AAmicos>. Acesso 05 jul 2021.

RUI, Taniele; FRANÇA, Isadora Lins; MACHADO, Bernardo Fonseca; ROSSI, Gustavo; ARRUTI, Marício. Antropologia e pandemia: escalas e conceitos. *Horizontes Antropológicos*, 59, 2021, pp. 27-47. Disponível em: <https://journals.openedition.org/horizontes/4904> . Acesso 6 jul. 2021.

Segata, Jean. COVID-19: escalas da pandemia e escalas da antropologia. *Boletim ANPOCS*, n.2, 2020.

SANTOS, Marcia Pereira Alves dos; NERY, Joilda Silva; GOES, Emanuelle Freitas; SILVA, Alexandre; SANTOS, Andreia Beatriz Silva dos; BATISTA, Luís Eduardo; ARAÚJO, Edna Maria de. 2020. “População negra e Covid-19: reflexões sobre racismo e saúde”. *Estudos Avançados*, 34(99), pp. 225-243.

SCOTT, Parry. Cuidados, mobilidade e poder num contexto de epidemia: relações familiares e espaços de negociação. *Revista MANA* 26 (3), 2020.

SILVA, Tatiana. NATALINO, Marco. PINHEIRO, Marina. NOTA TÉCNICA -População em situação de rua em tempos de pandemia: um levantamento das medidas municipais emergenciais. IPEA, junho de 2020. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10078/1/NT_74_Diest_Disoc_Populacao%20e%20Situacao%20de%20Rua%20em%20Tempos%20de%20Pandemia.pdf Acesso em 07 de julho de 2021.

SILVA, Marília. MACIEL, Tatiane. Quem não tem casa não se isola: População em situação de rua diante da pandemia. Dilemas: Reflexões na pandemia. Disponível em: <https://www.reflexpandemia.org/texto-58>, Acesso em 07 de julho de 2021.

SORDI, Denise. 2021. “Imobilização do Cadastro Único visa à desregulamentação dos programas sociais existentes. Entrevista especial com Denise De Sordi”. *Instituto Humanitas Unisinos*, 24 de março. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/607758-imobilizacao-do-cadunico-visa-a-desregulamentacao-dos-programas-sociais-existent-entrevista-especial-com-denise-de-sordi> Acesso: 31 mar. 2021.

ANEXO

Instrumento de pesquisa – COVID-19 - 2021- Brasil - Mensal**Parte 1 - Informações sociodemográficas: Trânsitos familiares no último mês**

A ideia aqui é compreendermos os trânsitos das pessoas entre casas e o que fez com que essas pessoas transitassem entre diferentes casas. Com outras palavras, queremos entender as razões para alguém ter saído ou entrado na casa. Se possível, obter informações de grau de parentesco (se houver), idade, escolaridade, cor/raça, situação de emprego e expectativa de duração da estadia.

1) Quais as pessoas que estão morando com você hoje? Alguém saiu de casa ou passou a morar com você no último mês? Você precisou acolher ou ser acolhida por familiares ou amigos no último mês? Se sim, nos explique o que aconteceu.

(Aqui podemos fazer as perguntas de raça, classe escolaridade, parentesco, etc., se houver espaço e sempre respeitando das pessoas em relação às perguntas)

Parte 2 – Diário financeiro: Entrada de dinheiro no último mês

A ideia nesta parte do trabalho é a gente pensar em toda a condição financeira da casa da pessoa. Quanto dinheiro entrou e quanto saiu na casa nos últimos 30 dias e da onde entrou e com o que foi gasto. Favor indicar todo o dinheiro que circulou na casa, inclusive os benefícios. A ideia é saber também como as pessoas priorizam alguns gastos em detrimento de outros, como escolhem o que consumir, como substituem algum item em caso de impossibilidade de compra, como avaliam o que é urgente e o que pode ser postergado.

2. Renda total da casa no último mês.

2.1 Fonte: preencha o valor recebido para cada categoria (Use a moeda local).

A ideia é tentarmos conseguir essas informações da maneira mais confortável possível. Se a questão financeira é algo que incomoda as pessoas, uma das soluções é colocar as perguntas sobre dinheiro no final do questionário.

Salário (se a entrada for mensal, mencione a quantia que chegou à família neste período)	Benefício	Comércio	Produção Doméstica	Aluguel/ Juros sobre Empréstimo	Valor total
R\$ ficou sem receber porque operou. entrou com INSS;	R\$ cesta básica	R\$	R\$	R\$	R\$

Outras atividades financeiras

Erro! O nome de arquivo não foi especificado.

3. Você fez algum empréstimo financeiro no último mês? (de amigos, de banco, etc.) **Sim** **Não**

3.1. Se sim, qual a fonte? De quem você emprestou dinheiro? Por favor, marque todas as opções aplicáveis.

Parentes	Empregados	Amigos	Loja	Banco	ONG	Organizações Religiosas	Organizações Benéficas	Total Emprestado
R\$	R\$	R\$	R\$	R\$	R\$	R\$	R\$	R\$

4. No último mês você recebeu presentes, doações ou outros bens por parte de amigos ou familiares? **Sim** **Não**

Se sim, por favor mencione quais categorias. Por favor, marque todas as opções aplicáveis

Categorias	Governo	Parentes	Amigos	Funcionários	Vizinhos	ONG	Organizações Religiosas	Organizações Benéficas
Dinheiro								
Bolsa Família								
Cesta Básica								
Quentinha Marmita								
Medicamento								
Outros Especifique								

5. Você precisou vender algum bem pessoal no último mês?

Sim **Não**

5.1 Se sim, que tipo de bem você vendeu? (Ex: casa, loja, jóias, bicicleta)

5.2 Qual o valor total recebido pela venda desses bens?

Principais itens de despesa

6. No último mês quanto sua família gastou em: (por favor, insira em moedas locais)

Aqui, lembrando que não precisamos preencher o valor exato item por item. Vou deixar em vermelho o exemplo.

Comida			Educação			Gastos Médicos			Quais quer pagamento de contas	Outros Por favor, mencione os itens
Grãos	Frutas & Vegetais	Laticínios	Taxas Escolares	Mensalidades	Cursos Online	Fornecedores	Medicamentos	Testes de Diagnósticos	Eleticidade água, cabo	Ex: Gás de Cozinha

Cesta basica - precisa inteirar/ 8 dias -9; mistura caríssima; legumes tá caríssimo; gosta de salada;

6.1 No último mês, como foi sua alimentação e de seus familiares? Você acha que ela melhorou, piorou ou permanece a mesma e por que?

6.2 Você passou a comprar comida ou deixou de comprar alimentos por questões financeiras?

6.3 Você deixou de comprar ou tomar medicamentos por questões financeiras?

6.4 Você recebeu alguma cobrança por não conseguir pagar alguma despesa?

Vocês não precisam fazer exatamente todas essas perguntas, elas são formas de entrar em algumas das questões que nos interessa acompanhar.

7. No último mês você emprestou dinheiro a alguém por alguma razão?

Sim Não

Se sim, aproximadamente qual foi o valor?

Parentes	Vizinhos	Empregados	Sócios Comerciais	Clientes	Valor Total

8. No último mês você ou outra pessoa no domicílio deu algum presente ou doação para alguém? Sim Não

8.1 Se sim, marque todas as opções aplicáveis.

Categorias	Parentes	Amigos	Funcionários	Vizinhos	ONGs	Organizações Religiosas	Organizações Benéficas
Dinheiro							
Cesta Básica							
Quentinha							
Medicamentos							
Outros - Especifique							

9. No último mês você sentiu que o status econômico da sua família: aumentou, diminuiu ou permaneceu o mesmo? Por que você escolheu esta opção?

10. No último mês algum membro da família perdeu seu trabalho ou ficou impossibilitado de trabalhar? Sim Não

11. Algum membro de sua família/residência mudou de trabalho neste período? Sim Não E Por que?

PID	Trabalho Anterior	Trabalho Atual
	(	

12. Como você sentiu que o Covid-19 e as medidas impostas na sua cidade afetaram as condições econômicas da a sua família nesse mês?

13. No último mês você teve interrupção, corte ou não tem acesso a um dos seguintes serviços: água, eletricidade, gás e/ou internet? Se sim, por qual motivo? a) Instabilidade no fornecimento; b) Interrupção no pagamento; c) Indisponibilidade do serviço no bairro; d) Outros – Especifique

13.1 Quanto tempo durou esta interrupção? (Ex: horas, dias, semanas). Como você resolveu esta situação? (Ex: esperou o serviço voltar, pagou o boleto, contratou um profissional, fez uma ligação ilegal). Como você lidou com isso durante a interrupção? (Ex: cozinhou com lenha; utilizou velas, levou a comida na geladeira da vizinha).

13.2 Como é o fornecimento desses serviços na sua residência? (Ex: empresa privada ou pública, gato, manual com poço artesiano, serviços oferecidos por grupos locais). E como foi a qualidade da água, da internet e da luz que chega na sua casa no último mês?

Parte 3 - Experiências de adoecimentos nos últimos 30 dias.

PARTE 1 - Gerenciamento de doenças crônicas: Exemplos de doenças crônicas: diabetes, problemas cardíacos, hipertensão, tuberculose, artrite, bexiga caída, problemas mentais, sinusite, asma ou bronquite, questões vasculares.

1. Você ou algum membro da sua casa tem alguma doença crônica?

1.1 Houve alguma melhora ou agravamento das doenças ou sintomas nos últimos 30 dias?

1.2 Você se sentiu melhor, pior ou se sentiu o mesmo nos últimos 30 dias?

1.3 Alguém te ajudou nos últimos 30 dias? Se sim, quem?

2 Vocês estavam recebendo tratamento regular para qualquer doença crônica ou deficiência antes da Covid-19?

2.1 Se sim, era com um profissional local (ex: clínica da família, agentes de saúde)?

2.2 Era em um hospital ou clínica próximo? Ou em um hospital/clínica distante?

2.3 Você continuou recebendo tratamento nessas condições?

2.4 Se sim, como você fez para continuar recebendo? Se não, por qual motivo?

3 Algum agente de saúde passou na sua casa nos últimos 30 dias? Se sim, por que e como foi o atendimento?

4 Me explique o que aconteceu com você e com os membros da sua família/residência nos últimos 30 dias, com foco nas doenças crônicas, com o maior detalhe possível, mesmo que pareça insignificante.

Episódio de doenças agudas nos últimos 30 dias

Exemplos de doenças agudas: a maioria das infecções por vírus, bactérias, como por exemplo constipação/resfriado, quadro gripal (febre, calafrios, dor no corpo), infecções gastrointestinais, perda de olfato e paladar, pneumonia, meningite, amidalite; trauma físico; infarctes, hemorragias e outras condições cardiovasculares.

5 Você ou outros membros de sua família/casa ficaram doentes ou se acidentaram no último mês?

5.1 Se sim, quais foram os sintomas de cada um?

5.2 Qual foi o diagnóstico?

5.3 Quem diagnosticou? (aqui pode ter sido você mesma/o quem identificou o adoecimento)

6 Você ou os membros da sua família consultaram um profissional?

6.1 Se sim, que tipo de profissional?

6.2 Se não, por que?

7 Você ou os membros da sua família fizeram algum teste ou exame para diagnóstico no último mês?

7.1 Se sim, por favor, mencione qual teste.

7.2 Este teste foi feito pelo sistema particular ou público, você ou outra pessoa pagou pelo teste?

8 Você ou os membros da sua família receberam algum medicamento?

8.1 Se sim, quem receitou ou indicou?

8.2 Você conseguiu comprar o medicamento ou ganhou?

Hospitalização nos últimos 30 dias

9 Neste período, algum membro da sua família foi hospitalizado?

9.1 Houve alguma tentativa de internar algum membro da família em um hospital, mas que não foram admitidos?

9.2 Por favor, nos conte mais sobre esta internação ou tentativa de internar

Avaliação das condições de saúde nos últimos 30 dias

10 Pensando nas condições gerais de saúde dos membros de sua casa, em uma escala de 1 a 5 em que 1 é muito fraco e 5 é saúde perfeita, como você classificaria a saúde dos membros da sua família? Por que você escolheu cada uma dessas notas?

PID/Nome	Escala de Saúde Subjetiva				

Experiências de morte

11 Você sabe ou ouviu falar de alguma morte no bairro nos últimos 30 dias por qualquer motivo, ou ouviu algo mesmo distante? Se sim, por favor, nos conte mais detalhes da experiência da morte.

Parte 4 – Relações domésticas e cotidianas

1 Nesse mês, você teve ajuda de alguém para realizar as suas atividades com a casa ou com as crianças [substituir quando for o caso]?

Nesse mês, você precisou ajudar alguém de outra casa?

2 Você tem tido contato com as pessoas por meios eletrônicos? Se sim, quais meios e com quem? (Ex: conversei por Facebook com familiares, Whatsapp com amigos, email com colegas de trabalho, etc)

3 Você tem conversado com as pessoas por ligação telefônica?

4 Com quem você conversou ao vivo nos últimos 30 dias? (Exemplo: ao vivo, eu conversei com minha mãe, com o farmacêutico, com a caixa do supermercado)

5 Você recebia ou prestava alguma ajuda regular de/para outras pessoas? Se sim, você continuou recebendo ou conseguiu continuar esta ajuda?

6 Alguém na sua família faz uso de álcool ou outras substâncias químicas?

6.1 Se sim, o consumo aumentou, diminuiu ou se manteve o mesmo nos últimos 30 dias?

6.2 E como isso afetou sua vida?

7 Houve algum conflito familiar, alguma briga ou reconciliações entre os membros da sua família nos últimos 30 dias? Se sim, por qual motivo? (pode ser áudio)

8 Como a pandemia afetou o cuidado com as crianças, com os idosos e/ou com os doentes da sua família nos últimos 30 dias?

9 Nos últimos 30 dias alguns desses atores foi até a sua casa ou bairro? Se sim, porque? A) Trabalhadores de Partidos Políticos; B) Pessoas de Organizações Religiosas ou Benéficas; C) vendedores (de frutas, de loja, de internet); D) Trabalhadores de ONGs; E) polícia, milícia, tráfico, seguranças privados

10 Por fim, quais foram as suas maiores preocupações nos últimos 30 dias e por que? Aqui pode ser qualquer assunto, independente da pandemia.

Parte 5 – Interações e contatos sociais com o estado -

11 Quando foi a última vez que você saiu de casa? Como foi?

12 Quando foi a última vez que você precisou de atendimento em serviço público?

12.1 Quais serviços você acionou e como foi?

12.3 Você conseguiu acessar estes serviços?

12.4 Se não, como você solucionou este problema?

Parte 6 – Percepções sobre a Covid-19

1 Como estão os casos de Covid na sua cidade atualmente? Você ouviu de algum ponto de contágio no seu bairro ou na cidade?

1. Como você tem feito para se proteger e proteger a sua família?

2. Quais ações você tem tomado para evitar a doença?

2 Vocês têm recebido informações ou têm ouvido sobre Covid-19? Se sim, onde vocês ouviram? Marque todas as opções. A) Jornal escrito; B) Televisão; C) Falas de Políticos (vereadores, deputado); D) Whatsapp; E) Redes Sociais; F) mensagens de celular (não whatsapp); G) Organizações religiosas; H) conversas no bairro; I) Outros – especifique

3 Em uma escala de 1 a 5 (onde 1 significa quase nada e 5 significa muito), quando você confia nestas fontes sobre o Covid-19. A) Jornal Escrito; B) Televisão; C) Falas de Políticos (na tv ou vereadores no seu bairro); D) Mensagens de Whatsapp; E) Mensagens de Celular; F) Organizações Religiosas; G) Conversas no Bairro

3.1 Porque você escolheu cada uma dessas notas?

4 Como está a vacinação na sua cidade?

4.1 O que você tem pensado neste momento sobre a vacina?

4.2 Você tomou ou tomaria a vacina?

5 Como o exército, a polícia, seguranças privados, grupos paramilitares (milícias) ou de tráfico de drogas estão agindo no seu bairro durante a pandemia? Você sentiu ou soube de alguma mudança?

6 O que você tem pensado neste momento sobre a Pandemia?

7 Como você tem visto este momento do ponto de vista espiritual ou religioso?

7.1 Você realizou alguma pratica religiosa, de cura no último mês?

8 O que você pensa sobre o futuro?

9 Você tem mais alguma preocupação com o Covid-19 que nós não perguntamos e que você gostaria de compartilhar?